

EXERCÍCIO DE TERRA
huggo iora



EXERCÍCIO DE TERRA



EXERCÍCIO DE TERRA
huggo iora



1ª edição

Copyright © 2023 by huggo iora
Copyright © 2023 by Adentro e Através
Todos os direitos reservados

PPREPARAÇÃO E CAPA
Tania A. Iora Guesser

REVISÃO
Luiz Antônio Bogo Chies

Nesta edição, respeitou-se o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

l64e

Exercício de terra / Huggo Iora. 1 ed. – Pelotas: Ed. Adentro e Através,
2023.

69 páginas

ISBN 978-65-998770-2-5

1. Gauchos - Usos e costumes - Brasil 2. Poesia
brasileira I. Título.

23-170967

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Adentro e Através



[2023]

Editora Adentro e Através
CNPJ 47.504.983/0001-67
www.adentroeatraves.com.br
bogochies@gmail.com

*Para Benício
&
Angelita*

*sapatos florescem,
dependendo dos pés que os calcem.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Gustavo Matte

I

- 17. Gênese
- 18. Andejo
- 19. Dúvida
- 20. Rebelião
- 21. Dedos de prosa
- 22. Sombras
- 23. Da vidraça
- 24. Cancioneiro de silêncios

II

- 29. Idílio
- 32. Monocromática
- 33. Daguerreótipo três por 4
- 34. Música destoante
- 35. Tarde qualquer
- 36. Ortográfico
- 37. Fogo fátuo
- 38. O guri das orelhas de rebenque
- 39. Ansiedade
- 40. Melancolia
- 41. Autoridade

III

47. Imaginação
48. Yanel
49. Juventude
50. Fotografia
51. Desconstrutoras
52. Um talvez haikai
53. (Re)ciclo
55. Pergunta
56. Poema
57. Intuição
58. Amor
59. Outra pergunta
60. Noite
61. Confissão

AO SUL

huggo iora

SOBRE O AUTOR



Gênese ao contrário. Anti-verbo. Desfazer os limites, as fronteiras criadas com as palavras, baixar as cercas que encerram latifúndios. No território infinito, indiviso do sensível, “a terra em seu exercício primeiro, sem o crime da linguagem”, é quem sopra o caminho a este poeta, este ser de alma errante, animado pela vontade de um testemunho puro do espaço, sem viés e sem limites: sem palavras.

Daí, com uma pena alongadamente elíptica, buscando mais a linha que o verso, este livro nos entrega um cancionário de silêncios, imitando os horizontes longilíneos, alongados, espaçosos, fundos da paisagem pampeana (ou dos vastos de oceanos e lagunas) – lugares do vagar errático de uma sensibilidade solitária, mas com “alma de proa”, que também experimenta a fortuna dos encontros com outros andarengos do sensível, cruzando-se e afastando-se nas juntas dos caminhos. As epígrafes, por exemplo, são escolhidas bem nesse sentido, trazendo para o livro essas vozes encontradas e localizando-as em seu amplo espaço escrito, onde a poesia também é espaçada e ampla, não apenas nos respiros da mancha gráfica, mas na amplitude ecoante de seus efeitos líricos.

Assim resulta este lirismo de paisagens – não um lirismo “paisagístico”, num sentido pictórico e descritivo, mas que integra a experiência do espaço na subjetividade lírica: esta voz é a do próprio espaço pelo qual se anda e em relação ao qual tenta se localizar. Dia/noite, sol/lua, ruas/prados, porteiros e janelas são sugestões significativas, como elementos externos que servem de referência na deambulação poética de um andarilho sentimental, naufrago sem praia à vista, na deriva da linguagem.

Abra, entre, vague, perca-se. Ache um cantinho provisório para um acampamento em que passar a noite, em que fugir do frio. Mas, sobretudo, descubra os teus caminhos pelas linhas de huggo iora, e tente entender que, neste Exercício, em se tratando de paisagens e geografias, não podemos contentar o nosso olhar com vê-las, mas nosso espírito com sê-las.

Gustavo Matte

Escritor

I

*“Huir lo viejo.
Mirar el filo que corta un agua espumosa y pesada.
Arrancarse de lo conocido
Beber lo que viene.
Tener alma de proa.”*

Ricardo Güiraldes

“nuestro norte es el Sur.”

Joaquín Torres García

GÊNESE

É a terra que inaugura
sob os calcanhares da urgência
um tempo próprio

no qual todas as coisas
tornam-se
as coisas mesmas
sem a fronteira que são

as palavras

E a rotação persiste mais
do que somente um
dia
E a bússola aponta sempre para o sul
E a cabeça se vê
desocupada
de deuses e ciências
E as sangas percorrem caudais
pelos rumores da
pedra...

É a terra
em seu exercício primeiro

sem o crime da linguagem
sem o perfume dos metais

onde a vida expõe-se
bela
à observação,
indizível

ANDEJO

Palmeiras debruçadas sobre
minha lentidão

Sou sombra pouso mugido
efêmero,
quase

Fim de tarde que dos olhos apeia

O sol indo
dourar outros meridianos enquanto
as pampas
silenciam verdes lisos

A morte de ivan ilitch no porta-luvas
da memória

A hora passada
dentro dos
anos
passados

Um voo ígneo

E as aves indômitas me sopram o caminho
que leva à casa

assim como faz a vida
àqueles que têm
a alma
errante

DÚVIDA

Pele ao alcance da voz

Delírios que me eram
que me são

e me sentem
sitiado
num próprio interior afora

cujo ventre aflora
música latina dada
doida

que tocatreme gême trama
num próprio interior adentro

aonde parto lento
entre naus soterradas
e empréstimos concedidos
por sorte

O sul ao invés
do norte

A brisa em brasa
asa de fumaça
lisa

Comer depois dormir

Com qual cara hoje
irei me
vestir?

REBELIÃO

De lenços vermelhos
no interior da mata
camuflaram-se
maragatos

Nas faces:
o suor
o anseio

E nas mãos o atalho e a utopia

Azar da tropa que ousasse
refreá-los
ainda que munida de metralhadoras
ou mentiras

Coronéis Generais Castilhistas
abaixo!

Abaixo a ordem
sustentada pela fraude
e a moral unvida de conservadorismos épicos

qualquer que seja a época
qualquer que seja o enredo

A fruta podre
às moscas
resta
assim
no céu
como na terra

DEDOS DE PROSA

Alucinação de pássaro

Léguas vagas
vagueando pensamentos meus

Um arroio
anterior aos pavimentos
em cuja beira mataram sede
teus cavalos

Mil memórias

Milongas

Migalhas

E de farrapo em
farrapo
costuro a vida

Enquanto as árvores me falam do alto
a terra,
de dentro

SOMBRAS

Desprezo a vida asfaltada
repleta de horizontes próximos
e placas de sinalização

Quero o pisoteio trôpego
sem a certeza da partida
ou da
chegada

Quero a curva cerrada
o risco abstrato
buracos e mais buracos no
meio
do caminho
as coxilhas ondulosas
por onde andarei
conforme o cansaço dos joelhos...

E ao fim
com o suor confundido à garoa
descansar de palavras
minha
incompletude

DA VIDRAÇA

Quero-queros erguem consigo
a manhã de domingo
visivelmente desbotada

O cão da rua
fareja gramados e garoas
depois parte mas

até quando?

É dada a largada da primavera:
seus laranjais de perfume
seu equinócio
sua rinite alérgica
seus sucessos de cinema comercial

Um vizinho de bombacha apanha gravetos
pelo pátio

Ventam galhos
Ventam muros elétricos
Vem então o cão
outra vez
sem farejar adiante

legendas para audição

Em algum lugar do planeta
já são oito horas

Aqui, não

CANCIONEIRO DE SILÊNCIOS

Não retornas

Idas são teus rastros
ainda que estreitos
como as próclises e os farrapos

Esboças surtos
saltos
certos

Formulas folclores com teus
dedos de mate

Tua mente
é um arremate
um arremesso

o eterno erguer
depois do descomeço

Não retornas

nem por joia e nem por dengo
pois quis a encruzilhada
que fosses tu outro
andarengo

II

*“Tem gente que vem a trabalho,
eu vim a passeio — e não gostei —
o resplandecer da alma é efêmero.”*

Hilda Machado

*“explicar con palabras de este mundo
que partió de mí un barco llevándome”*

Alejandra Pizarnik



IDÍLIO

Quem me dera encarar
o mundo
como o fazem as crianças

e enxarcar de luz
os noturnos galpões
da demência

Quem me dera encarar
o mundo
como o fazem as crianças

tocar a grama fugidia das cidades
com a ponta dos dedos
françados de brumas
ou de pastos

talvez cada túmulo
cada treva
se adivinhasse fantasia

talvez cada diálogo amargo,
poesia

Quem me dera encarar
o mundo
como o fazem as crianças

com a pura prata nos olhos
a improvisar tudo
que vê

com uma praia deserta
distendida no sorriso
(onde a censura não se conhece)
sem medo do amor

Quem me dera encarar
o mundo
como o fazem as crianças

transformar os degraus que surgem
no destino
em pequenos prelúdios
para castelos
cercados de pomares
cujo fruto seja
a cantiga de antes do sono

e cravar à rotina da terra
os lírios do sonho

Quem me dera encarar
o mundo
como o fazem as crianças

e desconhecendo a ordem
dos dias e dos meses
não me aprisionar nas rédeas do tempo

e viver coisa por coisa
em seu devido
momento

Acima de mim:

o espaço inocente
os pássaros pousados nos
quadrilábros de auroras crespas
as nuvens feitas de leite e lã

e apenas longe
muito, muito
a morte
que pareceria doutra vida
perdendo o grave tom de sua
ameaça

longe

Quem me dera encarar
o mundo
como o fazem as crianças

sem saber que tudo isso
um dia
passa

MONOCROMÁTICA

Carcarás fixos no movimento
Urubus inertes em terra sulina
Pombas do voo hesitantes

Um vento brutal bate
galopa
resvala
enviesando acasos e destinos

E a laguna que era dos patos
finge mar sem cerimônias
impenetrável
violento

feito a vida
que hoje não está para aves

como nunca estive
para gente

DAGUERREÓTIPO TRÊS POR 4

Exalas o verde
de teus olhos-lente

As algas na areia
e as abelhas
contudo
procuram sobrevivência entre:

garrafas de pinga
isqueiros
epígrafes
xepas de cigarro
cacos de amanhã

Todo o resíduo do espetáculo humano

Não basta o nascente e
o poente
Não basta a lagoa de espelho
transportando ao nível nosso
nuvens
A lua
escorada sobre
a planície

O silêncio
O silêncio
O silêncio
...

de cujos lábios de viola
extraio o som além
antes que eles

voltem

MÚSICA DESTOANTE

Chovo
sobretudo por dentro
quando a música
do toque meu
soa-te exílio ruído

Fico como livro
na estante empoeirada das horas
em espera de ser
lido

Anoiteço amareladas auroras

desconecto-me
de realidades

e dum único vazio
adentro as suas várias
profundidades.

TARDE QUALQUER

Desanoitece um bocejo
bem no quintal
que me morou algum

Respiro três vácuos
por
segundo
e o mundo
fotografa talento nenhum

À deriva das possibilidades
abrem-se semáforos:

flores se fecham
uma flecha súbita
fluxo frenético

Quem compõe esse desen- -contro?

A procissão motorizada
cospe fumaça e
histeria aos
céus

E não há prece
não há dom
não há verbo
que me leve deste desterro

ORTOGRÁFICO

Um resmungo amargo
ecoa
Meses tecem calendários silenciosos
que tentam ler minha sorte

mas o que tenho é saudade
e morte

As vozes se acovardam
entre vãs opiniões
que me fazem desejar a terra
onde sou sul enclave serra

Crianças rezam antes do sono
em busca de uma improvável
abolição

e já não temos tronos
nem tremas
para arguir deus
da ferrugem destas algemas

FOGO FÁTUO

Os olhos perderam calibre
e a única munição é
a pólvora das palavras

Da rua adentram:
frio
plágio
ermas fronteiras

Os guaxos da noite
enluarizam escusas vidraças
poças d'água ardente
oferendas para os escravos mortos
pela história

Logo antes da esquina
me avizinho

Estou sujo e sonso
Talvez com um deserto arqueado
sobre
a boca

como se corresse ao ritmo
do teu desejo

Sinto o vento golpear a cara
trazendo parcelas de música

sílabas átonas
presas ao vômito

brasa na qual me atiro
quando arrefeço

O GURI DAS ORELHAS DE REBENQUE

Há um desejo de grito
que pulsa
em teu corpo manejo

revólver reverberado

Que estilhaça os pregos
das porteiras cerradas
ao passado

És um terreno baldio
um céu infértil de cascas
sem sol nem nuvem
um interminável término

Cada ladrilho sobre o qual pisas
deixa em teu solado
um triste passeio

Andarengo noturno
cindido ao meio

Através das esquinas
persianas se fecham
ripa por ripa
agora

e as luzes se apagam dentro
alargando escuro
aquilo que se sabe fora

MELANCOLIA

Às vezes te chegas brusca
num coice
numa contração sísmica

e me quedas por dias
que parecem
quilômetros

Outras vezes te prenuncias
como a sede
em desertos de garganta

bates à cinza porta de meu peito

mas logo te arrancas
a fim de se fingir
visita

Quando contudo
arisca
muito te somes

amanheço idiota
com um sorriso palhaço
grudado à barba

sem o dom da poesia

e de tudo faço para que voltes
galopando
melancolia

AUTORIDADE

Haverá sempre
entre

nós

um muro
uma trava
uma estância

que impedirá de colhermos
os frutos da presença
e falarmos palavras simples
de silêncio

Um limite
pelos relhos
imposto

além da incurável estranheza
ante o oposto

Uma cerca
de arames farpados
de egos feridos
de corações estrangulados de orgulho

Haverá sempre
entre

nós

um hiato
um infinito

mesmo num impossível abraço
mesmo que faça um dia
bonito

III

“Formaremos um tomo, e o resto desenharemos, e o resto do resto diremos nas mesas das pulperias.”

Luiz Sérgio Metz

“A man is rich in proportion to the number of things he can afford to let alone.”

Henry David Thoreau

“Ama como a estrada começa.”

Mário Cesariny

IMAGINAÇÃO

E com o poder duma criança transformar:

céu em terra,

areia

em
mar

YANEL

Em ti
fica tão bela a velhice:

a atrofia suave das carnes
o crepúsculo desmaiando entre
um bocejar e outro
a serenata dedilhada para espantar vendavais
de misérias

Tal qual o vinho
demorado numa talha de barro
vestes muy bien o tempo

embora não haja
mais alegria
nesta fase
da vida
tua

Numa sala degolada em mofo
agora
te escuto e
ainda assim
consegues trazer para cá

ares de malambo

que me permitem respirar
como se fosse eu
a própria
infância

e tu
guitarra pampeana

JUVENTUDE

Te antecipas
apressadamente
à alba

como o pescador de
ausências,
ao mar

DESCONSTRUTORAS

Agredindo a terra vocês me agridem

e agridem meus filhos
e os filhos dos meus filhos
e assim
sucessivamente

Agredindo a terra
vocês sufocam minha garganta

que se não é de planta
também não é de gente

Agredindo a terra vocês a esterilizam
e erguem
em seu ventre
condomínios
com sacadas comprimidas

e estipulam valores vários
e financiam várias vidas

UM TALVEZ HAICAI

Primavera desce
Flores desconfiam-se
Céu que amarelece

Guardanapo aos trapos
aos montes
que tanto fez
agora amontoado
nesta lixeira plástica
pronto para ser levado por homens
que trabalham como

e mal ganham pra comprar
guardanapos

PERGUNTA

na

multidão

perde- se

os

indivíduos?

POEMA

quero
que me
caligrafes com mãos
de cálidas romãs
colhidas manhãs
na taça
no torso
contido
contudo
contato umbigo e
olfato
olhos que sirvam
ao tato
à nuca
nunca dantes adivinhada

quero que
me
poesies o verbo
meu verso
inverso que me abrasa
a boca oca
de mantos e mantras
de coisas tantas
em cujos
inter- -valos
cabem mundos
valos, galopes e cavalos
e os espinhos
que engulo quando
pulo
entre as tardes
de tuas carnes

INTUIÇÃO

Teu coração
não pensa

Age simplesmente

E em teu vasto solo
jamais permites
que germine vis
sementes

AMOR

Te fiz casa
de minha carne
pergunta
ao meu reflexo

Assim flecha
penetrei teu flanco
e franco
desenhei dunas
onde eras fegosas planícies

Cansei de cortar
a barba o tempo o cristal turvo
do grito

pois fui inteiro demanda
nos teus trilhos
escusos

Pedra
Serrote
Gânglios instáveis de febre

Se em ti urde a sarça
a mim resta
o breve

OUTRA PERGUNTA

Por que

só depois de
mortos
ganham ruas aqueles que

em vida

nos deixaram
mundos?

NOITE

À cama
me aguardam o sono e o amor

Deito quente
o corpo que pede
acolhida
cantiga de silêncio
boca para beijo e companhia

O abajur ilumina
aquilo que do quarto
não sabe timidez

e os outros aposentos escurecem
noturnos
seus murmúrios

Amanhã pode haver sol
pode haver chuva

não importa a primavera
ou o outono
pois

à cama
me aguardam o amor e o sono

CONFISSÃO

mentir

é
a
única
travessia
segura
ao

poeta.



Não acredito na possibilidade do artista se dissociar totalmente de sua prática artística. Em outras palavras: uma obra sempre carrega traços daquilo que o seu criador é (ou acredita ser) no momento.

Os textos que compõem este livro foram escritos, em sua maioria, durante a segunda metade de 2021, bem quando cheguei a Pelotas. E aqui topei com uma cultura — e não me refiro àquela, pelotense em seu sentido estrito, de famílias que ainda conservam em sal grosso o ethos e os últimos espasmos de suas fortunas — extremamente genuína, porém apátrida quase, não fosse a Pampa. Cultura de estética marcada pelo frio, tão oposta ao tropicalismo tecnicolor brasileiro.

Exercício de Terra é portanto o sutil impacto que as latitudes sulinas surtiram em meus subterrâneos. Impacto cujos ecos ressoaram em minha poesia, que nada mais é senão um breve voo de linguagem.

coxilhas
 milonga
 andejos
 rosa bagual
 e o mate
 num frio
 afinal

Nada escapa ao verso que, crescente, tropeia pelos planos horizontes (sobre os quais meu coração se debruça) até maturar-se poema. Poemas não para serem interpretados, mas sim ingeridos e, sobretudo, ruminados com a elegância natural de quem prefere a barbárie à civilização.

Pelotas,
setembro de 2023.



huggo iora nasceu em maio de 1992, é poeta e vive em Pelotas/RS, onde pesquisa sobre as manifestações culturais dos pampas, a exemplo das payadas e milongas. Possui textos publicados em periódicos literários como Jornal Relevo, Literatura e Fechadura e Revista 7faces, além de integrar a antologia “Volta para tua terra” (editora Urutau), à época em que residiu na cidade de Coimbra. Exercício de Terra é seu terceiro livro.

Este livro foi editorado com as fontes Times LT Stand e
Bebas Neue.

é a terra que inaugura
sob os calcanhares da urgência
um tempo próprio

no qual todas as coisas
tornam-se
as coisas mesmas
sem a fronteira que são

as palavras

